



DO QUE SOFREU CAXIAS

Walter Pinheiro Guerra

Neste artigo, um médico, historiador e escritor, analisa os males de saúde com que o Patrono do Exército teve que conviver e que lhe sublimina, ainda mais, a existência.

Em medicina, o profissional deve levar em conta que o ser humano compõe-se de um complexo psicossomático. O médico que esquecer-se dessa verdade inofismável, arrisca-se a cometer enganos.

Tanto castigam os sofrimentos físicos, quanto os psíquicos. Vale dizer, os males do espírito, da mente, como as emoções e as contrariedades, os desgostos e as frustrações morais.

E quem analisa a longa e tumultuada existência desse inesquecível herói nacional, verificará, em inúmeras passagens, que os sofrimentos morais superaram, de longe, os de ordem física.

Na política, na administração, na conduta de guerra, viu desprezados seus judiciosos aconselhamentos.

Interesses pessoais e de partido, lançavam por terra as providências por ele sugeridas. Quem ignora as maliciosas intrigas do Conde D'Eu ao Conde de Nemours, seu pai, onde punha em dúvida os atributos militares de Caxias?

Quanto à família, sofreu dois ru- des golpes. A prematura morte de seu filho, ainda adolescente, por volta de 1860. Era o único varão dentre seus rebentos, no qual, por certo, depositava suas mais risonhas esperanças. Catorze anos mais tarde, eis que nova ferida põe-lhe o coração a sangrar. Falece sua idolatrada esposa, alma

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO
Palácio Duque de Caxias - In Memoriam DO QUE SOFREU CAXIAS
Praça Duque de Caxias, 23 - 3.º andar

20.455 - Rio de Janeiro. (RJ)

gêmea com quem se entendera às maravilhas, no decorrer de 42 anos de feliz vida conjugal.

Ministro de Estado, Presidente de Províncias, General dos Exércitos, ele confessara, em determinada oportunidade, que, na realidade, quem mandava, quem o ajudava e inspirava, era a sua adorada Anicas.

Vieram depois, ou concomitantemente, outros agravos morais, oriundos da ingratidão, da calúnia, da inveja e da insídia. O próprio Imperador não escapou dessa coorte de falsos amigos de Caxias. Entretanto, fora ele, sem dúvida, um dos que mais devera a Caxias, como sustentáculo do Império e do trono.

No que diz respeito aos agravos da saúde, comecemos pelo seu aspecto físico: “É homem de estatura média, pescoço curto, ombros largos, corpo reforçado, cabeça e busto cheios de nobreza... suave no falar.” (Duque de Caxias — Editora Três — Rio de Janeiro — 1974.)

Por essa descrição, percebe-se que o seu biotipo era o brevilinear, tipo atarracado, o do indivíduo propenso às perturbações cardiovasculares, que, ao final, foi o que o levou ao túmulo.

A título de curiosidade repetimos dados contidos na “Ata de Exumação do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias”, realizada pelo, à época, Capitão-Médico Tito Ascoli de Oliva Maya, aos 23 dias do mês de agosto de 1949: “Media o esqueleto, um metro e setenta e dois centímetros de comprimento.” To-

davia, a mensuração realizou-se em uma ossatura velha, de 69 anos decorridos de sua inumação. Os ossos encontravam-se desarticulados, desprovidos de músculos, cartilagens e ligamentos que os mantinham justapostos. Pelas raras fotografias do Patrono do Exército em corpo inteiro, aparentava estatura inferior à assinada pela referida ata.

No que tange aos desarranjos orgânicos que afetaram o Marechal, começaram a surgir, em seguida à campanha do Maranhão, onde contraiu malária. A esse tempo, 1840, queixava-se de crises hepáticas e estomacais. É sabido que o impaludismo danifica o fígado, tornando-o túrgido, aumentado de volume e, por vezes, dolorido.

Consequência da distensão da cápsula que o envolve. Devido à sintomia havida entre o funcionamento do fígado, sobretudo da vesícula biliar, o estômago e o intestino, é de esperar que os reflexos de mau funcionamento de uma víscera repercutam sobre a outra.

Daí, o mal-estar gástrico acusado pelo ilustre doente, sem esquecer a compressão do fígado aumentado de volume, alterando a normal posição dos órgãos na cavidade abdominal.

Só quem sofreu acessos de malária pode avaliar o mal-estar que ela determina. Leva a um abatimento físico e moral, difíceis de descrever. Isso se explica, pelo acometimento às suprarrenais, de suma importância na economia orgânica.

É de se admirar, portanto, que Ca-

xias não se deixasse abater como é comum às vítimas daquela parasitose. Circulando no sangue, não há deparamento do organismo que escape aos malefícios das toxinas expelidas em seguida a cada crise febril.

Nem o mais nobre órgão de nosso corpo, o cérebro, foge à ação das toxinas. Tudo faz supor, fosse ele um super-homem, cuja férrea vontade sobrepunha-se aos achaques que o molestavam.

Nova crise atingiu-o quando da pacificação de Minas Gerais, em 1842. Dessa época, é em carta íntima que dizia: "meu fígado incha ao ponto de eu não poder usar a banda". É evidente que um fígado congestionado, dolorido, aumentado de volume em consequência do processo malárico, não suportasse a compressão exercida por aquele complemento de uniforme.

Dai, talvez, o fato de o pintor Pedro Américo tê-lo retratado com a túnica desabotoada à altura do ventre, quando da batalha do Avaí.

A notícia é controversa, segundo Vilhena de Moraes (Novos aspectos da Figura de Caxias). Este, desgostou-se daquela sua imagem, alegando que não se apresentaria com aquele aspecto, mesmo na intimidade de sua alcova. Verídico ou não o incidente, é quase certo que não se deixaria retratar se não estivesse impecavelmente fardado.

Entretanto, no quadro do referido pintor, lá está o Marquês com a túnica aberta à altura do fígado! Em que pesem todos os títulos e cogno-

mes que, com justiça, lhe atribuíram, convenhamos que era humano como todos nós.

Quando empenhado no combate aos Farroupilhas, em carta a amigos e a familiares, revela o excelente estado de saúde em que se encontrava. Disso chega a desconfiar, quando diz: "É improvável que ela (a saúde) dure por muito tempo." Esse período de bem-estar, explica-se pela fase assintomática da malária que o atingira no Maranhão.

Em determinadas circunstâncias, sobretudo climáticas, o processo entra em acalmia. Mais tarde, participando da Guerra da Tríplice Aliança, entre 1866 e 1869, portanto, dos 63 aos 66 anos de idade, acusava fortes cefaléias. Queixava-se também de inchaço dos pés como do calor reinante. Provavelmente, as dores de cabeça eram a consequência de crises de hipertensão arterial ou uremia.

Quanto aos edemas maleolares, denotavam a insuficiência cardíaca incipiente, ou já instalada. Além de sentir-se mal com o calor, cansava-se facilmente ao caminhar, indicativos da dispnéia de esforço, característica da falência cardíaca.

O pior aconteceu-lhe quando, em plena missa a que assistia na Catedral de Assunção, já em poder dos exércitos brasileiros, foi acometido por um "desmaio" que perdurou por cerca de meia hora.

Sofrera, sem o saber, o mais grave insulto: o acidente vascular cerebral, a julgar-se pela descrição do Ministro Paranhos do Rio Branco, que o

vira em Montevidéo, dias depois. Notara o diplomata que o Marquês de Caxias, mal firmava-se nas pernas e que falava com dificuldade.

Eram a parestesia dos membros inferiores e a afasia, seqüelas, sem dúvida, do súbito e perigoso mal que o acometera. Retornando ao Rio bastante enfermo, em carta a seu valeroso amigo, o General Osório, dizia que o fígado continuava inflamado. A esta altura, a estase sangüínea congestionando o fígado, já de si doente, era determinada pela insuficiência cardíaca que aos poucos se instalara.

Dáí, também, o edema dos membros inferiores, pela barreira imposta à circulação venosa. A esse tempo, a malária já se tornara crônica, iniciada que fora, em 1840. Perseguiu-o durante 28 anos, com fases de remissão, é bem verdade, mas a tipificar sua cronicidade.

Há, de outro lado, o registro de que sofreu de erisipela, segundo Vilhena de Moraes (ob. cit.). Altera-se a fisiologia da pele, concorrendo tudo para que a epiderme perca suas defesas naturais. O terreno torna-se então favorável às infecções cutâneas, de que a erisipela é uma das mais temíveis.

Com tantas doenças a perturbá-lo, há que levar-se em conta, igualmente, a precariedade da terapêutica existente a esse tempo. Como o próprio Caxias informou em seus escritos epistolares, consistia em “água mineral... banhos de cachoeira”, que ele os tomava em Baependi e, “fer-

ruginosos” ...bem como “emplastros sobre o fígado!”

Era o de que dispunham e sabiam os esculápios do Século XIX. De todos eles, o mais útil e realmente indicado, eram os ferruginosos, compensatórios da anemia espoliativa, em seguida a cada acesso de malária.

Houve, por certo, no combate ao mal, o emprego do quinino, que o ensurdecera. Tanto que, quando de seu retorno do Paraguai, a que se viu forçado pelo agravamento de seus males, seus familiares comentaram o abatimento físico que demonstrava. Rogou então, que falassem mais alto, porquanto ensurdecera um pouco.

Segundo ele, devido ao troar dos canhões, o que afetou também ao seu cavalo. Lembremo-nos, contudo, de que o quinino era o único anti-palúdico em uso ao seu tempo, e que tem o demérito de produzir a surdez. Ou correria por conta da arterioesclerose?

Esta hipótese, ao que parece, pode ser afastada. Até o cavalo fora atingido, segundo ele, pelo ribombar da artilharia e não ingerira quinino! Por outro lado, dáí por diante, não há mais qualquer menção à surdez de Caxias, em seguida ao seu retorno da Guerra da Tríplice Aliança.

Fora obra do quinino e do ensurdecer eco das explosões. Os canhões, em seu típico linguajar de guerreiro, “falavam alto” com a “palavra do bronze”, como dissera o lendário guia Lopes, da Retirada da Laguna.

Passemos agora a uma sensacional

revelação, caso viesse a ser comprovada, o que não ocorreu como veremos linhas adiante.

No instante da exumação, notou o seu autor, o citado Dr Tito Ascoli de Oliva Maya, após haver tomado as medidas antropométricas da peça, que o crânio mostrava, no osso parietal esquerdo, marca estranha e visível da fotografia então tomada.

Nota-se uma linha de dois a três centímetros de extensão, orientada de baixo para cima, e mais ou menos paralela à sutura do parietal esquerdo com o occipital. Em ambos os lados dessa marca, visualizam-se pequenos orifícios mais ou menos simétricos e paralelos.

À primeira vista, sugere a seqüela de uma fratura do parietal esquerdo, evidenciando perda de substância da tábua óssea. Tudo fazia lembrar, na opinião do Dr Maya, a osteossíntese. Ora, na extensa e agitada vida de Caxias, não encontramos qualquer referência a esse respeito.

Não foi registrada uma queda, uma pancada ou um ferimento na cabeça, em todos os prélios guerreiros de que tomou parte.

Mesmo no episódio do cavalo que tomou o freio e partiu em disparada, não há menção de queda. Dois de seus mais abalizados biógrafos relatam-no. Vilhena de Moraes (ob. cit.) qualifica-o de "incidente". Já Affonso de Carvalho (Caxias — Bibliex — Rio de Janeiro, 1976, pág. 289) rotula-o como "acidente". Ambos anotam que o velho Marechal, excelente ginete que era, conseguiu

dominar o animal, sem, contudo, ir ao chão.

As mensurações antropométricas, por si só, revelaram que o crânio pertencera a homem de compleição robusta e altura mediana, facilmente constatada inclusive pelas "charges" da época, retratando Caxias.

Convivemos com o Dr Maya, em seus últimos anos de vida. Revelar-se um curioso de tudo o que dissesse respeito àquele herói nacional. Tudo começou quando o destino reservou-lhe a missão *sui generis* de proceder à exumação de nosso maior general. Desde então, dedicou-se à procura de fatos relacionados com essa ilustre personagem.

A respeito de Caxias, detinha informações diversas, sujeitas, naturalmente, a comprovação. Lamentamos a circunstância de atirar por terra sua suspeita, quanto à discutida fratura craniana. Sobretudo, quando não mais se encontra entre nós.

Todavia, a verdade histórica paira acima das simpatias ou convicções pessoais. Diante da insólita situação e em busca da verdade ou da interpretação mais consentânea, opinamos pela consulta a *experts* na matéria.

Procuramos o amável Prof Armando Canger Rodrigues, prematura e recentemente falecido como Titular da Medicina Legal e Deontologia Médica, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Consoante aquele mestre, a marca visível na foto nada mais é que uma disjunção local da sutura craniana, usualmente encontrada em indivi-

duo vítima de ferimento a bala, em disparo à queima-roupa. Ocasionalmente, a pressão dos gases da explosão, que penetram a cavidade craniana. Evidentemente, não é o caso de Caxias, que morreu de morte natural, assistido por diversas pessoas, entre amigos e familiares.

Em seguida, fomos ao Prof Samoel Atlas, Professor Adjunto de Ortopedia e Traumatologia da Escola Paulista de Medicina.

Afirmou esse professor que o estudo das linhas da dinâmica de força de um traumatismo craniano mostram a tendência de o crânio fraturar-se mais freqüentemente em sua base. Que, dificilmente ocorre na calota, onde é mais comum o afundamento dos ossos. Mesmo um traumatismo que incida sobre a calota, traz repercussão sobre a base, e nunca em sua parte arredondada.

Não satisfeitos, procuramos ainda o Prof Aloysio de Matos Pimenta, Professor Titular de Neurocirurgia do mesmo estabelecimento de ensino. Concordou com o seu colega, Prof Canger Rodrigues, de que houvera uma disjunção local, da sutura craniana. E mais, que deve ter ocorrido, depois de Caxias morto. Quanto aos pequenos orifícios laterais e paralelos, nada mais era que um recurso da natureza para melhor oxigenação do cérebro. Com a idade, as artérias alimentadoras aumentam de calibre, assim como os orifícios naturais, por onde elas penetram na tábua óssea. Aí está o testemunho técnico de respeitáveis professores de medicina.

Reportando-nos à exumação, mostrava o Dr Maya que muito pouco restara do famoso guerreiro. O mais volumoso fragmento ósseo pertencera a um dos fêmures. Da farda, igualmente quase nada sobrara: “diversos fragmentos de alamares do cordão de seda dourada, trançado, com duas agulhetas oxidadas; quinze botões grandes e seis pequenos, todos oxidados; fragmentos diversos de canutilhos de prata dourada; duas medalhas em bronze, soltas, com uma passadeira de ouro com o número dois”.

O crânio estava íntegro por ter ficado sob um anteparo do túmulo. Dizia o Dr Maya que, àquele tempo, era costume atirar cal virgem na cova. O documento de exumação, aliás, refere-se a “camada de terra e cal bastante espessa, do fundo da sepultura”, segundo ele, com cerca de vinte centímetros de altura.

Homem de destaque que se tornara, grande multidão acorreu aos funerais da brilhante figura. Assinala Affonso de Carvalho (ob. cit.) que ao chegar o coche ao cemitério do Catumbi, havia ainda carruagens saindo da Tijuca, onde se localizava o solar do Duque de Caxias.

Muitas foram então as pás de cal atiradas ao esquife. Assim, os despojos do Duque e seu fardamento, foram literalmente calcinados. Já os restos da Duquesa, exumados na mesma ocasião, embora falecida seis anos antes, estavam melhor conservados. Foi assinalado o encontro de “lantejoulas pretas e douradas”, en-

feitos do vestido com que foi enterada. Por certo, recebera menos cal que seu ilustre consorte. Por sinal, não há menção da existência de tanta cal misturada à terra, como no túmulo de Caxias. Várias foram suas disposições testamentárias. Uma delas, é a de que fosse ao túmulo, ostentando apenas duas condecorações: as medalhas ganhas nas campanhas do Uruguai e Paraguai.

Neste particular, contava o Dr Maya que o historiador Gustavo Barroso, que presenciou a exumação, advertira-o de que tomasse cuidado, porquanto o peito de Caxias, era de esperar, estaria coberto de condecorações, das muitas com que fora galardoado.

Viu-se, e foi um de seus últimos desejos, que só as medalhas ganhas no fragor da luta, gostaria de levar até a derradeira morada. Consoante o Dr Maya, as condecorações restantes, por achar-se em dificuldades, Caxias as empenhara a um português residente à Ladeira do Ascurra. Deu-nos inclusive o nome e o número da residência do referido cidadão, que acabamos por perder. É revelação um tanto ou quanto difícil de aceitar-se.

Outra das disposições finais de Caxias, ao que tudo indica, não foi respeitada, por força das circunstâncias. Pesquisando a vida do ínclito varão, dentre outras coisas, uma aguçou-nos a atenção.

Referimo-nos à determinação de que seu corpo não fosse embalsamado. Contudo, vejamos. Falecido entre 19:30 e 20 horas do dia 7 de

maio de 1880, segundo os seus biógrafos, havendo os que dão o momento fatídico como ocorrido entre 20 e 21 horas, estabeleceu-se a divergência entre eles.

No dia seguinte, 8 de maio, pela manhã, celebrou-se a missa de corpo presente na própria fazenda de Santa Mônica, onde falecera. Por volta das 18 horas desse mesmo dia 8, chegava o féretro à Estação da Central do Brasil. Dali, partiu o cortejo para o solar da Tijuca, onde foi velado.

Na manhã seguinte, dia 9, cerca de 9:30 horas, partiu com grande acompanhamento para sua morada temporária, que durou 69 anos, até que em agosto de 1949, foi trasladado para o Panteon defronte ao Palácio da Guerra, onde repousa definitivamente, ao lado da Duquesa.

Chegou ao Cemitério do Catumbi, às 11 horas da manhã, quando houve dificuldade em penetrar no campo santo, tal a aglomeração popular havida. Já dentro do cemitério, procederam-se a três encomendações do corpo. E o tempo passando!

Não há informação do momento exato em que, terminadas as cerimônias religiosas, baixou o corpo ao túmulo. Pelos nossos cálculos, variando os horários conforme os relatos existentes, medearam cerca de 40 horas ou mais, a contar da hora do falecimento e a chegada ao cemitério.

Levando em conta o calor reinante no Rio, habitual inclusive no mês de maio, teria sido possível manter-lhe o corpo por tantas horas, sem que fosse submetido a processo de con-

servação? É quase certo que recorreu-se a um dos meios usuais de conservação.

Só essa medida permitiria manter o cadáver em condições de receber as homenagens a que fizeera jus. Segundo Affonso de Carvalho (ob. cit.) e por cálculos baseados em outras fontes, o interregno entre a morte e a inumação foi de 36 a 40 horas!

Embora não tão longo quanto o contido noutra citação (Duque de Caxias — Editora Três — Rio de Janeiro, 1937), foi, de qualquer forma, um longo período de espera. Alegava o Dr Maya que, na época, com intuito de evitar-se pelo menos os odores da decomposição, aspergia-se álcool sobre o caixão.

Convenhamos, porém, que o álcool volatiliza-se rapidamente, sobretudo com o calor ambiente. Ao que tudo indica, fora quebrado um repetível desejo final do velho Duque. Só assim, seus verdadeiros amigos, bem como o povo que acudiu em multidão, poderia render-lhe o testemunho da estima, apreço e consideração que granjeara durante sua fecunda existência.

Findou, assim, a vida do grande brasileiro, a quem a Pátria tanto ficara a dever. Se Caxias gozava da admiração popular, como ficou evidenciado pelos relatos de seu funeral, em que pese o tempo decorrido, ele continuou no coração de seus patrícios, inclusive os humildes e anônimos.

Prova-o exuberantemente o grande número de assinaturas constantes da Ata de Exumação. Enquanto os representantes oficiais e de entidades, após a assinatura, apunham sua qualificação, notam-se inúmeras assinaturas sem esse detalhe. Evidentemente, provinham de populares presentes ao ato, onde se observam diferenças flagrantes nos traçados.

Distinguem-se os de pessoas habituadas à escrita, ao lado de nomes quase desenhados, e até mesmo garatuhas. Se não laboramos em erro, a Revista Militar Brasileira — Vol. 50, de 1949, estampa a referida Ata, além de várias fotografias das diversas fases da pouco comum cerimônia.

Comprova-se, assim, que Caxias, embora nascido à sombra do trono que ele por anos e anos sustentara, tanto com a espada quanto através da ação política e administrativa, foi realmente amado e querido pelo povo de sua terra. Muitos mais amado, talvez, do que pelas cabeças coroadas, pelos seus colegas de Ministério e pelos “casacas”, como denominava aos profissionais da política.

Logo, bem andaram as autoridades militares em recordá-lo anualmente na Semana do Exército e em outras efemérides nacionais.

Dessa forma, seu nome perdura por todo o sempre, no coração do povo. Desse mesmo povo que se constitui no Exército de Caxias.

WALTER PINHEIRO GUERRA é sócio-correspondente em São Paulo (SP) do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.